



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

5854 - Pôster - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 20 - Sociologia da Educação

**NAS FISSURAS DA CENA QUE ENCENAM PRÁTICAS EDUCACIONAIS**

Iáscara Oara de Jesus - UNIVALI - Universidade do Vale do Itajaí

### **NAS FISSURAS DA CENA QUE ENCENAM PRÁTICAS EDUCACIONAIS**

A educação abre possibilidades de tramar significados e propor interações com mundos diversos por meio de enunciados discursivos, que vão definir nossas ações em cotidianos provisórios e assimétricos. Enquanto elemento multiplicador, o corpo/professor, (re)configurado para novos enredos, sinaliza caminhos que se apresentam e se abrem para novas formas de subjetivação. Estamos entrelaçados com os acontecimentos o tempo todo, em um processo canibalizante de outras culturas. A cena já é outra. Não cabe mais pensar de forma rígida, estanque, acabada. Somos nômades na vida, no pensamento e na educação. Portanto, ensaiamos, aqui, especificamente na fronteira. No não lugar, no não espaço. Nas fissuras e rasgos que possibilitam que corpos discursivos se desloquem e atuem entre caminhos. Nem um e nem o outro. Neste novo lugar, constroem-se outras narrativas que provocam outras fissuras. Um descontínuo sucessivo de poder-saber e saber-poder vai sendo acionado e vai gestando conhecimentos, os quais nos assujeitam e definem novas instalações que se replicam e passam a ser utilizados de forma ampliada. Pressupomos, então, que ao contrapor o que está posto nas relações momentâneas abrem-se espaços para o exercício de uma resistência que passa a propor outros caminhos. O reordenamento de mercados para a manutenção deste mesmo mercado tem como instrumento de implementação um corpo especialmente treinado e preparado, com capacidade de se multiplicar em corpos metamorfoseantes que garantem a manutenção e a cooperação dentro de e entre diferentes redes, compartilhando objetivos comuns e (re)combinando enunciados discursivos, além de recursos outros. Desse modo, pensamos a educação que, por um lado, quer se manter com os olhos voltados para a tradição e, por outro, se (re)cria pelo domínio do capital. Entre estes dois caminhos, o da escola tradicional e o da escola cultivada pelos biopoderes instituídos na atualidade, um espaço se apresenta e se mostra mediante fissuras, sinalizando para reinvenções e composições outras. A metodologia flexível e aberta alimenta de forma consistente a discussão proposta aqui. Em consonância com o econômico, o político, o jurídico e as tecnologias, os planos das corporações e instituições mundiais se fortalecem recorrendo a uma materialização do campo educacional. Um lugar de problematização se apresenta e nos arremessa para um espaço/tempo que gera, dúvidas e (des)dobra sujeitos em possibilidades inventadas e (re)encenadas. Artifícios distribuídos e legitimados por tecnologias do eu passam a dominar os espaços instituídos. Formatos traduzidos por enunciados discursivos e publicizados em práticas inquietam e desafiam, uma vez que oferecem possibilidades de presentificações. Peças avulsas de uma engrenagem se

movimentam e, na instabilidade, vulnerabilidade, voluntarismo, fragmentação, nos fragilizamos e perdemos os laços que posicionam e nos tornam presentes. Sem passado, presente, ou futuro vamos habitando espaços, escolas, discursos fronteiriços. Enquanto sujeitos moldados para a produção e grafados em enunciados burocráticos, vamos vivenciando promessas. A afirmação e a pregação de um fazer flexível da racionalidade neoliberal têm norteado o cotidiano educacional e a ordem mundial ocidentalizada, além de disseminar um discurso que supervaloriza relações efêmeras, superficiais e destituídas de laços de compromissos em longo prazo. Nesta fusão entre o capital e o social, um pequeno número de pessoas se beneficia ao máximo, gerando e produzindo um mundo que se quer flexível e performático. Estaríamos, então, assistindo ao redimensionamento e à instalação de um formato novo de relação com o corpo, a educação, o capital e o consumo? Seria este movimento a moderna maneira de sujeição? Seria esta uma liberdade que se vincula e se deixa tecer propondo e provocando fissuras? Ou podemos atuar ali, no espaço entremeios, nas fissuras que insistem em suas visibilidades entre a educação tradicional instituída e a gestada nos braços e berços do modelo econômico, político, social e educacional das biopolíticas neoliberais? Enquanto plataforma de pesquisa sobre o sujeito educado e delineado contemporaneamente, a educação, disseminada a partir de processos fabricados em composições macroeconômicas, engloba todas as nuances disponíveis, e consolida uma sociedade. Tornados nômades e andarilhos em produtos revestidos para servir a interesses e nichos mercadológicos, os quais fortalecem estratégias nucleares, vamos nos encaixando nos jogos. As práticas nos colocam em lugares de negociação e nos oferecem a oportunidade de desenhar novas estradas e reinventar narrativas que flutuam e se deslocam formando o sujeito que ocupa lugares de poder. Mas não são e nem somos o poder. Modelos mentais, aos quais estamos acostumados, estão sendo desestruturados, e uma humanidade com um novo figurino se apresenta no palco especialmente construído. Somos corpo que idealiza, fantasia, interpreta palavras, possibilidades, visões de mundos, ideologias e universos repletos de sentidos que permanecem em mutação. Redes costuradas multiplicam conexões e se traduzem na dualidade híbrida de políticas públicas. Como espaço de atuação e experimentação, as fissuras nos colocam em lugares suspensos e nos obrigam a pensar e a agir com os olhos abertos para os movimentos que convidam à experimentação, a qual privilegia o conhecimento construído na relação. Atuando em limiares que abrem para a experimentação, percebemos a possibilidade e a necessidade de manter nossos sentidos aguçados para que possamos pensar ações com o outro, de forma a transgredir o presente e projetar um dia seguinte em que nenhuma proposição será indiscutível. Isso nos leva à seguinte proposição: a partir do momento em que o sujeito passa a bloquear um campo de relações de poder, tornando-as fixas e imóveis, impedindo sua reversibilidade e um transitar independente de forças econômicas, políticas, educacionais e sociais, deixa de existir a possibilidade da prática da liberdade. Portanto, em alguns momentos, a liberação/fissuras/rasgos destas condições podem ser um caminho viável para práticas de reposicionamento. Cabe a nós, professores e educadores de todas as áreas, explicitar críticas, levantar interesses, remexer os olhares, estranhar o 'ideal' e o dado, revelar os domínios e os poderes nos vários setores da sociedade. Vivemos um tempo em que, aparentemente, culturas se aproximam, dialogam e se estabelecem como tendência comportamental tanto de aceitação quanto de negação. E assim, entre formas e fronteiras reeditadas para a readequação econômica, as peculiaridades locais/globais se redesenham para a implementação e circulação de produtos de interesses institucionalizados em expansão. Agora, neste dado momento, tais poderes sinalizam para um mundo que se desdobra e nos oferece um passo-a-passo do perfil e do modelo ideal de educador que se quer, e das práticas que se anunciam. Percebe-se que a *tékhne*, modalidade triunfante na Modernidade e matriz dos regimes de verdade embasados em uma autoridade heteronômica, torna-se mormente lastro científico. Nessa perspectiva, o educador transforma-se em mais um número nos programas sofisticados e emergentes que apagam os traços subjetivos escritos na tradição, e que nos realoca em um outro lugar de conhecimento e percepção das materializações humanas. Vamos ocupando um lugar que nos torna invisíveis. Mais um entre muitos que

flutuam e permanecem, ou não, ativos, a partir de medições arranjadas em planilhas e apostilas guardadas em nuvens que passam a se multiplicar definindo o cotidiano escolar. Captar, enxergar os intervalos e propor uma atuação de maneira a estimular discussões e direcionamentos nos processos de educação requer experimentar fronteiras, questionar sistemas e políticas vigentes. Nos limiares e fendas que separam e naturalizam discursos, provavelmente um outro caminho se abra. Uma terceira possibilidade acontece e provoca a abertura de outros caminhos. Acreditamos que os intervalos entre as implantações de biopolíticas educacionais sejam o espaço de resistência às manipulações e ao crescente domínio do material humano em benefício desta globalização, ou mundialização, como queiram, que unifica, manipula e homogeneiza o corpo/professor. Perguntamos, então: que discursos estão sendo arquitetados em um mundo em que não somos mais a principal fonte de informações? Tecnologias do eu, práticas e receitas fáceis, relações líquidas e efêmeras, escassez, mudança de crenças, sociedade digital global, transnacionalidade, conectividade, intenções descompassadas, modelos mentais prometem sucesso/felicidade/liberdade. Uma transhumanidade manda recados e se instala. Eis, de George Orwell (1949) a Yuval Noah Harari (2019), um corpo que se desloca e é reconectado. Na costura de práticas e processos vivenciados tornamo-nos educadores híbridos e retornamos. Nestes entre caminhos, espaços de nascer e morrer continuamente, nos alimentamos. Atualizamos gestos, pulsações, crenças e experiências que vão nos habilitando e proporcionando novas paisagens humanas em que o corpo/professor é outro. Entender os novos formatos que se apresentam cotidianamente parece ser a grande viagem a ser implementada por nós, educadores. Um ponto. Um início. Uma dança que transcende é encenada e nos oferece realidades que vibram numa eterna brincadeira em que o gênero humano é apenas um sinal, um lugar. Uma ficção que se narra. Ao tecer caminhos, bordamos textos que tatuam e marcam a terra definindo paisagens urbanas que nunca terminam, pelo contrário, desencadeiam processos que provocam os sentidos. Enquanto percurso e experimentação de outros lugares, ensaiamos mundos que nos cortam e nos abrem. Vamos garantindo e encontrando maneiras de garantir razões para a extensão do humano clássico. Entre códigos e sociedades em pleno florescimento, espaços se abrem, flutuam e se apresentam, e é neste deslocamento, neste ponto que nos alimentamos, resistimos, adotamos, percebemos finitudes e experimentamos. Sempre a partir de um corpo que discursa e se copia em outro.

**Palavras-chave:** Corpo/professor. Educação. Fissuras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AQUINO, Júlio Groppa. **Educação pelo arquivo:** ensinar, pesquisar, escreve com Foucault. Prólogo de Sandra Mara Corazza. São Paulo: Intermeios, 2019.
- BALL, Stephen. Sociologia das políticas educacionais e pesquisa crítico-social: uma revisão pessoal das políticas educacionais e da pesquisa em política educacional. **Currículo sem Fronteiras**, v. 6, n. 2, pp. 10-32, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida em fragmentos:** sobre a ótica pós-moderna. Trad. Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- CORAZZA, Sandra Mara. Currículo e didática da tradução: vontade, criação e crítica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 4, pp. 1313-1335, out./dez. 2016.
- CORAZZA, Sandra Mara; TADEU, Tomaz. **Composições.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 50ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. Ed. Loyola: São Paulo, 1996.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). **Ditos e escritos V: ética, sexualidade, política**. Trad. Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GALLO, Silvio. Aleturgias e práticas de liberdade no campo educativo. In: BUTTURI JUNIOR, Atílio; CANDIOTTO, Cesar; SOUZA, Pedro de; CAPONI, Sandra (Orgs.). **Foucault e as práticas de liberdade II: topologias políticas e heterotopologias**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

GALVÃO, Luis; MOREIRA, Moraes. **Mistérios do planeta**. Acabou Chorare. Novos Baianos. Rio de Janeiro: Som Livre, 1972.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. SOVIK, Liv (Org.). Trad. Adelaine La Guardia Resende (et al.). 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus: uma breve história do amanhã**. Trad. Paulo Geiger. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2016.

MAINARDES, Jefferson. Abordagem do ciclo de políticas: uma contribuição para a análise de políticas educacionais. In: **Educação & Realidade**. v. 27, n. 94, pp. 47-69, jan/abr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v27n94/a03v27n94.pdf>. Acesso em: 20 Jan. 2020.

ORWELL, George. **Admirável Mundo Novo**. Porto Alegre: Editora Globo, 1979.

RESENDE, Haroldo de. Tecnologias de governo e liberdade no meio educacional. In: BUTTURI JUNIOR, Atílio; CANDIOTTO, Cesar; SOUZA, Pedro de; CAPONI, Sandra (Orgs.). **Foucault e as práticas de liberdade II: topologias políticas e heterotopologias**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

ROSE, Nikolas. Governando a alma: a formação do eu privado. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Liberdades reguladas**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Ed. Vozes, 1989.

SABOT, Philippe. Transgressão, liberdade, resistência: Sade e Bataille lidos por Foucault. In: BUTTURI JUNIOR, Atílio; CANDIOTTO, Cesar; SOUZA, Pedro de; CAPONI, Sandra (Orgs.). **Foucault e as práticas de liberdade II: topologias políticas e heterotopologias**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Para um novo censo comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 18ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SARDINHA, Diogo. O último Foucault e seu sistema de liberdade. In: BUTTURI JUNIOR, Atílio; CANDIOTTO, Cesar; SOUZA, Pedro de; CAPONI, Sandra (Orgs.). **Foucault e as práticas de liberdade II: topologias políticas e heterotopologias**. Campinas,

SP: Pontes Editores, 2019.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter:** As consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Trad. Marcos Santarrita. 14<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.